

UM BISPO PARA ALÉM DA CRISE: JOÃO CRISÓSTOMO E A REFORMA DA IGREJA DE CONSTANTINOPLA

Gilvan Ventura da Silva*

Resumo:

Neste artigo, pretendemos refletir sobre a atuação política de João Crisóstomo, uma das personagens mais influentes no final do Império Romano como líder da igreja de Constantinopla. Nosso propósito é analisar a maneira pela qual João Crisóstomo, ao ser consagrado, em 398, bispo da cidade, pretendeu interferir na vida da sua congregação por meio da adoção de um conjunto de reformas que, ao fim e ao cabo, o indispuseram com os círculos monásticos e imperiais. Nossa hipótese é a de que as circunstâncias que então cercavam a sé de Constantinopla não apenas eram extremamente difíceis, como foram agravadas pelo comportamento intransigente assumido por João, fruto das suas convicções sociais, do seu background intelectual e do seu temperamento, e que culminaram, em 404, com a sua deposição definitiva e seu exílio subsequente.

Palavras-chave: *Império Romano; João Crisóstomo; Constantinopla; conflito.*

O indivíduo torna à cena

Após um período de predomínio quase absoluto do enfoque estrutural na abordagem dos processos históricos, o que implicou uma redução acentuada da capacidade de intervenção dos agentes, considerados na sua individualidade, sobre os mecanismos de produção/reprodução da sociedade, vimos assistindo, desde a década de 1980, uma recuperação progressiva do lugar ocupado pelo sujeito na história, em parte devido ao esgarçamento das

* Professor de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, bolsista produtividade do CNPq e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). No momento, encontra-se desenvolvendo o projeto "A construção da identidade cristã no Império Romano: João Crisóstomo e o conflito com os judeus e judeizantes de Antioquia".

macroteorias, dos modelos explicativos de longo alcance, em parte à afirmação de um paradigma científico oriundo da Sociologia do Conhecimento, que advoga uma atenção especial à maneira pela qual os agentes compreendem, avaliam e, em última análise, constroem o seu mundo mediante a imagem mental que dele fazem. Não obstante a temerária suposição de que, por força do pensamento – ou da representação, se preferirem – somos capazes de “construir” a nossa própria realidade – uma afirmação que, se levada às últimas consequências, bem pode nos devolver ao idealismo hegeliano –, resta a constatação de que os atores não podem ser tratados como marionetes postas em movimento pelos cordões invisíveis de entidades que, instaladas acima das consciências, deteriam a prerrogativa de disciplinar os comportamentos individuais, como enunciado por Durkheim em **As regras do método sociológico**. Por essa razão é que os pesquisadores têm cada vez mais se interessado, na atualidade, em reabrir o debate sobre a importância do sujeito na História com base na habilidade das pessoas em selecionar, dentro de um leque restrito de opções ofertadas pelo seu contexto social, econômico, cultural e político, um curso específico de ação, podendo agir tanto no sentido de reproduzir quanto de transformar as estruturas, o que equivale a reabilitar o estatuto do indivíduo dentro da narrativa histórica, de onde ele havia sido expurgado pelos defensores de uma análise comprometida com a lógica estrutural (LLOYD, 1995, p. 114). Para tanto, a contribuição da micro-história – com a sua valorização do cotidiano das pessoas comuns, do *ordinary people*, cuja trajetória permite recuperar a cosmovisão de uma categoria social, de uma localidade, de uma época – foi, sem dúvida, valiosa, de modo que, hoje, o indivíduo volta a ocupar um lugar de destaque na agenda de trabalho dos historiadores, como se pode constatar por meio do reflorescimento da biografia, um gênero histórico-literário que, por décadas, havia sido tratado como uma modalidade de escrita da história impressionista (vale dizer, não científica), parcial e frívola (LORIGA, 1998, p. 224). Tanto o incremento de investigações empreendidas à luz da micro-história quanto o investimento na exploração da história de vida do *ordinary people* abriram caminho para a reflexão acerca das subjetividades e de como as características particulares dos indivíduos, seus traços de personalidade, o tipo de formação que receberam e os dilemas que tiveram de enfrentar interferem diretamente na sua tomada de decisão. Considerando que os sujeitos ocupam lugares distintos dentro da trama social, o impacto do curso de ação escolhido pelo agente dependerá diretamente dos mecanismos de

distribuição de poder então vigentes na sociedade em questão, o que nos evoca a responsabilidade dos líderes no desenrolar dos processos históricos. Não se trata aqui, decerto, de reabilitar a figura onipotente do herói que, ao encarnar o “espírito” do seu tempo, desafia o destino e se converte, por força de um subjetivismo desenfreado, em senhor da própria História, que comanda à revelia dos demais contemporâneos, relegados a uma posição de meros coadjuvantes, mas de compreender que a capacidade de liderança expressa por algumas personagens investidas de uma autoridade que lhes foi conferida ou que simplesmente se autoconcederam é, sem dúvida, um componente irredutível dos processos históricos.

Neste artigo, pretendemos lançar alguma luz sobre a atuação de uma dessas personagens que tanto marcaram, não apenas os homens do seu tempo, mas os seus sucessores, e sobre a qual dispomos de opiniões diversas e quase sempre conflitantes. Trata-se de João Crisóstomo, um dos Padres da Igreja mais influentes do Império Romano tardio, em virtude da sua destacada atuação como líder religioso em Antioquia e Constantinopla, as duas mais importantes cidades da *Pars Orientalis* no fim do Mundo Antigo. Nosso propósito é tentar compreender a maneira pela qual João Crisóstomo, ao se tornar o primaz da igreja de Constantinopla, se deparou com uma realidade na qual pretendeu interferir por meio da adoção de um conjunto de reformas que, ao fim e ao cabo, o indispueram com os círculos monásticos e imperiais. Nossa hipótese é a de que as circunstâncias que cercavam a sé da Capital do Império do Oriente, à época, não apenas eram extremamente difíceis, mas que o próprio comportamento assumido por João, fruto das suas convicções sociais, do seu *background* intelectual e do seu temperamento, acabou por potencializar os conflitos então existentes. Trata-se, desse modo, de investigar a crise política que conduziu à deposição e morte de João Crisóstomo, o que poderíamos, num certo sentido, classificar como um fracasso (*échec*, como denominam os franceses), desde que não tomemos a noção de fracasso como um julgamento de valor *a priori* sobre esta ou aquela ação, mas como um instrumento heurístico que, fundamentado na premissa segundo a qual os projetos políticos, tanto os reformistas quanto os revolucionários, são eivados de erros de avaliação, de equívocos coletivos advindos das contribuições individuais e de afastamento diante dos objetivos inicialmente traçados, nos permita interrogar as ações de um indivíduo ou de um grupo cujos projetos são claramente identificados e dos quais se podem mensurar tanto as estratégias quanto os resultados (BOCK, 2008, p. 6). Além disso, a noção de

fracasso, de certo modo associada ao conceito de crise, permite-nos refletir sobre os próprios julgamentos globais que tanto o senso comum quanto os historiadores profissionais têm por hábito fazer sobre os regimes políticos, os titulares da autoridade pública (presidentes, soberanos, ministros) e as instituições, cabendo aqui a indagação: fracasso em que sentido, sob qual ponto de vista? Disso resulta que o conceito de fracasso, ao ser devidamente problematizado, habilita-nos a descortinar uma determinada *memória* que se constrói sobre os fatos históricos, memória esta nunca inocente, descompromissada, mas condicionada por interesses e preferências, e que exhibe uma incrível plasticidade ao longo do tempo. No âmbito deste artigo, trata-se, em primeiro lugar, de discutir como João Crisóstomo, ao pôr em prática seu projeto de reforma da igreja de Constantinopla, desencadeou uma crise que logo escapou ao seu controle e que poderíamos qualificar como um fracasso já que conduziu à sua deposição e morte pelas forças que a ele se opunham, sem que os seus sucessores tenham se esforçado por dar continuidade às suas medidas, muito pelo contrário. Por outro lado, trata-se, num segundo momento, de acompanhar as estratégias adotadas por João para driblar o isolamento que o poder imperial pretendia lhe impor com o exílio, quando então vemos a tenacidade do seu caráter aflorar em toda a plenitude, o que deu margem à construção de uma memória amplamente favorável acerca das suas ações, sendo João exaltado como um amante da paz e da concórdia, ao mesmo tempo que se ocultavam, na penumbra, os aspectos mais polêmicos do seu temperamento.

Um bispo confronta sua igreja

Podemos afirmar, com certa segurança, que a notoriedade alcançada por João como orador em Antioquia foi o principal fator que o credenciou, embora de modo absolutamente involuntário, ao posto de bispo de Constantinopla. Na opinião de Mayer (2004), a indicação de João Crisóstomo para o bispado de Constantinopla se deveu a uma articulação realizada a partir de Antioquia. Na disputa que opôs Paulino a Melécio, os bispos rivais da cidade, o primeiro buscou se alinhar com as sés de Roma e Alexandria, ao passo que o segundo se apoiou na aliança com os bispos do Oriente, o que lhe permitiu interferir, mais tarde, nos assuntos da sé de Constantinopla. Essa rede de influência teria sido determinante na eleição de João Crisóstomo, um bispo filiado à facção meleciana. A despeito da argumentação de Mayer, bastante plausível, não podemos perder de vista o fato de que a ascensão de

João Crisóstomo repousou, em larga medida, nas qualidades já demonstradas pelo presbítero como membro do clero antioqueno, com destaque para a sua excelência oratória. Como a própria autora reconhece, tudo indica que João estivesse sendo preparado para suceder Flaviano como bispo de Antioquia. Quis o destino, no entanto, que seu episcopado se cumprisse em Constantinopla, e não em sua cidade natal. Em 397, com a morte de Nectário, abriu-se uma disputa pelo bispado da nova Capital que, em 381, havia sido elevado à condição de segundo do Império. Em virtude de uma hábil manobra de Eutrópio, o influente *praepositus sacri cubiculi* de Arcádio, João foi designado pelo imperador para suceder a Nectário.¹ Em 26 de fevereiro de 398, João é consagrado bispo, inaugurando um episcopado que, desde o início, se mostrou bastante turbulento.

A passagem de João por Constantinopla foi marcada pela adoção de um amplo programa de reformas, algumas das quais polêmicas, o que lhe angariou uma profunda antipatia, a começar pelos membros do seu próprio clero, familiarizados de longa data com controvérsias e dissensões *intra ecclesiam*. João, ao suceder a Nectário, passa a responder por um bispado que havia, nos últimos anos, adquirido uma crescente visibilidade em virtude da ascensão fulgurante de Constantinopla, a Nova Roma, que, com a partilha do Império entre os filhos de Teodósio, em 395, converte-se na sede permanente da corte no Oriente. Um bispado, assim, cuja administração se revela por demais complexa devido à excessiva proximidade com a cúpula imperial. Por outro lado, Constantinopla, a exemplo de outras sés da época, havia sofrido, por anos a fio, com disputas entre arianos, nicenos, novacianos, quartodecimanos e demais facções do cristianismo, o que conferiu uma aguda instabilidade ao cotidiano da congregação. De fato, no decorrer da segunda metade do século IV, a comunidade dos cristãos da Capital passou por percalços diversos, fragilizada por múltiplos contratempos de natureza teológica, disciplinar e administrativa. Antes de João, Gregório de Nazianzo havia, por um breve lapso de tempo, tentado unir as facções dissidentes da cidade, mas os obstáculos que teve de enfrentar se mostraram intransponíveis, o que precipitou a sua renúncia em junho de 381, um pouco depois de sua investidura. Para o seu lugar, o concílio ecumênico de Constantinopla, por determinação explícita de Teodósio, elegeu o senador e pretor Nectário, que, na ocasião, era tão somente um catecúmeno, ou seja, um aspirante ao batismo, razão pela qual o ato exprimia com clareza a vontade do imperador em manter à frente do bispado da Capital um homem de sua inteira confiança,

oriundo das fileiras do seu próprio *comitatus*. Morto Nectário, reacendem-se as disputas em torno da sucessão episcopal. Teófilo, o influente bispo de Alexandria, tenta patrocinar a candidatura de Isidoro, um presbítero da sua igreja reputado como um homem de rara erudição, mas, na queda-de-braço que se segue, Eutrópio, o *praepositus sacri cubiculo* de Arcádio, sagra-se vencedor ao obter a nomeação de João Crisóstomo. Derrotado, Teófilo passará a nutrir um profundo ressentimento contra João, aguardando apenas o momento oportuno para empreender o ajuste de contas (MARAVAL, 1995, p. 926).

A atuação pastoral de João Crisóstomo em Constantinopla representou uma etapa importantíssima no processo de consolidação do controle absoluto dos bispos sobre as suas congregações. Na condição de bispo, João era responsável por um extenso conjunto de tarefas relacionadas à manutenção da sua cidade, um dos desdobramentos mais significativos da ascensão da Igreja no século IV. A partir de Constantino, o episcopado experimenta não apenas uma expansão sem precedentes em termos numéricos, como também os bispos adquirem uma surpreendente projeção na qualidade de representantes terrenos do *Logos* e de gestores e porta-vozes de suas cidades, o que os leva a revestir, ao mesmo tempo, uma dignidade espiritual e política. Essa é a grande transformação que se opera no cargo episcopal entre o Alto e o Baixo Império. De fato, como assinala Rapp (2000), na Idade Apostólica as tarefas do bispo eram definidas com precisão pelo vocábulo grego *episkopos*, que significava originalmente “supervisor”. Os encargos do *episkopos* se restringiam, então, a zelar pela manutenção da comunidade, com destaque para a coleta e alocação de recursos destinados às atividades filantrópicas, ficando a pregação e o ensino sob a responsabilidade dos profetas e professores. Nessa fase, era comum, inclusive, haver vários *episkopoi* em atuação simultânea numa mesma igreja. O passo decisivo na direção de um episcopado monárquico, ou seja, da centralização das congregações cristãs em torno da liderança de um único bispo foi dado no século II, como podemos constatar por meio da correspondência de Inácio, o líder da igreja de Antioquia que, escrevendo a diversas comunidades no seu trajeto rumo ao martírio, em Roma, exorta-as à obediência incondicional perante seus bispos, especialmente em assuntos de doutrina. No decorrer do século II, mais do que um administrador, o bispo passa a ser considerado a *mimesis*, a reprodução de Cristo sobre a terra e o guardião dos Seus ensinamentos, o que lhe confere um papel determinante na construção da ortodoxia.

A autoridade episcopal era, a princípio, limitada à *ecclesia*, à comunidade local, ou seja, era, por assim dizer, uma liderança *interna corporis*. Os bispos pregavam, instruíam a congregação, batizavam os catecúmenos, impunham penitências aos pecadores, sustentavam os princípios ortodoxos contra os heréticos, ordenavam presbíteros e diáconos e participavam dos concílios. Aos poucos, vão adquirindo também capacidade jurídica sobre os membros do seu clero e os leigos da sua congregação, um privilégio que, mais tarde, será ratificado e expandido pela legislação imperial. No IV século, à medida que avança o processo de cristianização nos meios urbanos, a autoridade episcopal passa a ser exercida também em assuntos que dizem respeito ao funcionamento do corpo cívico, como, por exemplo, a administração da justiça, a organização do abastecimento de víveres em tempos de escassez, a defesa da cidade contra as investidas dos bárbaros e a representação do *populus* junto à corte. A partir de então, as tarefas do bispo se deslocam do âmbito da *ecclesia* para o da *civitas*, o que lhe confere a capacidade de, em muitas circunstâncias, interpelar o próprio imperador sobre a sua conduta pública e privada. Os bispos se tornam, desse modo, agentes políticos extremamente influentes, cuja posição é reforçada pelo apoio que amiúde lhes tributa a população urbana, sempre pronta a tomar a defesa do seu líder espiritual.

Em muitas circunstâncias, no entanto, os bispos não se contentam apenas em garantir o bem-estar do seu rebanho em conformidade com as limitações impostas pelo seu tempo e lugar, a fornecer aos fiéis lenitivo material e espiritual diante das vicissitudes da existência. Pelo contrário, temos, no Baixo Império, exemplos de bispos que, confrontados pelos dilemas de um processo de cristianização eivado de contradições e reverses em virtude da pluralidade etnorreligiosa da cidade antiga e pela ingerência de múltiplos interesses externos sobre a Igreja, concebem um audacioso plano de *reforma social*. Essas personagens demonstram, por via de regra, uma compreensão muito particular das suas responsabilidades episcopais. Para elas, sua eleição não assinala tão-somente a instalação no vértice da hierarquia sacerdotal, o coroar de uma carreira profissional bem-sucedida, mas a oportunidade de levar a cabo uma missão divina da qual se julgam os fiéis executores: a de corrigir o século, de superar as mazelas que afligem a sociedade de seu tempo e, com isso, debelar a crise de valores nas quais se pretendem imersos.² Os bispos, estimulados pela convicção de que, como vigários de Cristo, cumpre-lhes zelar permanentemente pela santificação

da assembleia, erradicando qualquer vestígio de impureza, impiedade e devassidão, assumem, por vezes, a posição de reformadores sociais. Para tanto, costumam buscar inspiração no movimento monástico, sem dúvida, um dos mais espetaculares fenômenos de piedade popular de todos os tempos. Nesse sentido, a elevação espiritual, obtida pelo monge mediante uma automortificação solitária ou exercida em companhia dos iniciados, quer se trate de anacoretas ou cenobitas, é transposta para a coletividade dos fiéis mediante a atuação pedagógica dos bispos, que não cessam de clamar pela retidão dos costumes. Quanto a isso, a figura de João Crisóstomo é verdadeiramente emblemática.

João, ao optar pela vida religiosa por volta dos vinte anos de idade, exhibe um autêntico fascínio pelo estilo de vida ascético, certamente sob a influência dos monges que habitavam as montanhas próximas à sua cidade natal, razão pela qual em duas das suas mais antigas obras, intituladas **Confronto entre o rei e o monge** e **Contra os críticos da vida monástica**, dedica-se a exaltar a virtude daqueles que foram corajosos o suficiente para renunciar ao conforto da vida urbana e enfrentar as agruras dos desertos e das montanhas, devotando-se, assim, integralmente à ascese e à oração (MORRESCHINI; NORELLI, 2000, p. 190). Os primeiros contatos de João com o *modus vivendi* monástico se estabelecem logo após a sua ordenação como leitor por Melécio, quando do seu ingresso no *asketerion*, uma instituição escolar organizada em moldes cenobíticos e supervisionada por Diodoro e Cartério, na qual os alunos eram iniciados na prática do ascetismo (KELLY, 1995, p. 18). Numa etapa mais avançada, João experimenta uma temporada de reclusão ao lado dos anacoretas dos Montes Sílpios, empenhando-se na privação alimentar típica dos monges a ponto de impor danos irreparáveis aos rins e ao sistema digestivo (**Dial. V**). Mais tarde, após retornar a Antioquia e ser ordenado presbítero pelas mãos de Flaviano, João inicia o seu ministério, que se notabiliza justamente pela tentativa de convencer a sua audiência acerca da importância do rigorismo e da disciplina como pilares de uma vida virtuosa, sem dúvida, uma importante herança da época em que conviveu com os monges.

Levando-se em consideração a influência do rigorismo na formação religiosa e intelectual de João e a obstinação do seu caráter, era de se esperar que, na condição de bispo, ou seja, de principal responsável pelos destinos de uma congregação, ele vislumbresse a oportunidade de implementar as suas ideias acerca do comportamento ideal esperado daqueles que se autointitu-

lavam cristãos. As denúncias apresentadas contra João perante o Sínodo do Carvalho, no qual decidiu-se pela sua deposição entre setembro e outubro de 403, informam-nos que o bispo costumava exigir dos seus sacerdotes uma disciplina severa e que frequentemente os acusava de corrupção e incompetência, tendo, inclusive, expulsado muitos das fileiras da *ecclesia*. Durante o tempo em que respondeu pela sé da Capital, João se notabilizou também pela acirrada campanha que moveu contra a prática corrente de coabitação dos ascetas com as virgens (as *subintroductae*), algo que reputava como indecoroso. No âmbito da administração financeira, interveio de maneira enérgica, passando a controlar diretamente a arrecadação e as despesas dos fundos eclesiásticos. João suprimiu os gastos supérfluos com a manutenção da residência episcopal e transferiu o excedente assim obtido para o serviço dos doentes, construindo novos hospitais. Segundo Paládio (**Dial.** 5), com a expansão da assistência médica, foi possível, inclusive, atender pessoas vindas de outras localidades. Além disso, aboliu os banquetes eclesiásticos e vendeu as pedras de mármore compradas por Nectário para decorar a Igreja de Santa Anastácia. Em seguida, reformou a ordem das viúvas, empreendendo uma investigação para detectar aquelas cujo comportamento não era compatível com as exigências da sua posição, a quem recomendou evitar os banhos públicos e observar jejuns mais rigorosos. João introduziu também o hábito das litânicas noturnas, o que, de acordo com Paládio (**Dial.** 5), desagradou ao clero, acostumado a dormir a noite inteira. Entre os círculos monásticos da cidade, o descontentamento com a atuação de João era generalizado, tanto que Isaque, um dos fundadores do monacato em Constantinopla, foi um dos principais articuladores da sua deposição (LIEBESCHUETZ, 1984). Ao que tudo leva a crer, a divergência que se estabeleceu entre João e os monges da cidade girava em torno de concepções distintas da vida monástica. Segundo Sozomeno (VIII,9), João “[...] tinha em alta conta os monges que permaneciam em quietude, nos mosteiros, e aí praticavam a filosofia. Ele os protegia de toda injustiça e de modo solícito os provia de quaisquer necessidades. Mas os monges que transpunham as portas [do mosteiro] e se exibiam nas cidades, ele os insultava”. A animosidade entre o bispo e os monges repercutiu até mesmo na elite administrativa do Império, uma vez que o general Saturnino e o prefeito do pretório Aureliano mantinham contatos estreitos com Isaque. Desse modo, uma disputa originada no âmbito da congregação de Constantinopla logo passa a envolver representantes da administração pública, o que ameaça a posição de João Crisóstomo como principal líder religioso da cidade.

A situação se agrava ainda mais com o embate que se estabelece entre João e Teófilo de Alexandria por conta do episódio dos “Grandes Irmãos” (*Makroi Adelphoi*), um grupo de monges da Nitria conhecido pela estatura física de seus componentes. Seguidores de Orígenes, os “Grandes Irmãos” defendiam a tese da natureza incorpórea de Cristo, ao passo que Teófilo, fiel ao credo de Niceia, sustentava o argumento de que Cristo teria sofrido o processo de encarnação por intermédio de uma virgem. No auge da polêmica, o bispo de Alexandria lidera ataques às comunidades dos monges origenistas, forçando-os a deixar o Egito. Acuados, os fugitivos aportam em Constantinopla, na esperança de obter o favor imperial, sendo, então, acolhidos por Eudóxia, que abraça a sua causa. Diante da recusa de Teófilo em receber os monges em comunhão, Eudóxia solicita a Arcádio que convoque um concílio, sob a presidência de João Crisóstomo, a fim de apurar os abusos cometidos pelo patriarca de Alexandria contra os monges. João, no entanto, se recusa terminantemente a atender à solicitação do imperador, evocando o princípio canônico segundo o qual todo e qualquer litígio de caráter religioso deveria ser julgado no seu território de origem (KELLY, 1998, p. 215). Diante da recusa de João em atender à determinação imperial, instaura-se um estranhamento irreversível entre o bispo e a corte. Até esse momento, João Crisóstomo podia contar com a leniência de Arcádio e Eudóxia como um poderoso escudo capaz de neutralizar as investidas dos seus opositores. No entanto, ao adotar uma atitude recalcitrante e hostil diante do imperador, cuja autoridade sobre a Igreja João simplesmente negava, sua permanência no episcopado se torna insustentável.³ Após uma fase inicial de confronto com a corte, quando João, deposto pelo Sínodo do Carvalho, é reinstalado em sua sé por determinação de Arcádio, apreensivo com o clamor da população de Constantinopla, por demais afeiçoada ao seu bispo, a situação volta a se complicar em virtude dos ataques que João dirige, do púlpito da sua igreja, à imperatriz Eudóxia.⁴ Em represália, já no Natal de 403, o imperador e a imperatriz não comparecem aos ofícios religiosos por ele celebrados. Na abertura das solenidades da Páscoa de 404, João é formalmente notificado da proibição imperial de executar qualquer ato litúrgico. Na noite da vigília pascal, soldados são enviados para expulsar das igrejas os partidários do bispo, o que provoca uma intensa comoção popular. No dia seguinte, parte do clero fiel a João decide ocupar os banhos públicos, aí celebrando a festa da Páscoa, numa audaciosa demonstração de desacato ao decreto que os desalojava de seus lugares de culto. Em seguida, passam a se reunir fora dos

muros da cidade. Daí por diante, os assim denominados “joanitas” formam uma facção autônoma dentro da igreja de Constantinopla. Na Capital, o ambiente se torna bastante tenso, ocorrendo duas tentativas de assassinato contra João (Soz. VIII,21). Temendo pela vida de seu bispo, os joanitas o mantêm sob vigilância dia e noite. Após dois meses de expectativa, Arcádio ordena o seu exílio. Em 20 de junho de 404, João deixa Constantinopla para nunca mais voltar. Ao tomar conhecimento da sua partida, a população é acometida de uma sensação de medo e ressentimento, em parte devido à perda do seu líder, em parte com receio da repressão imperial aos distúrbios fomentados na Capital. Novamente, as facções em atrito se digladiam em praça pública, culminando com um incêndio que consome a basílica de Santa Sofia e a cúria senatorial (Soz. VIII,22). Em 27 de junho, Arsácio, então com cerca de oitenta anos, assume o bispado de Constantinopla, o que não contribui em nada para amenizar o clima de tensão que domina a cidade.

Resistindo ao isolamento

Quando avaliamos a passagem de João Crisóstomo pela sé de Constantinopla, somos, às vezes, surpreendidos por três traços de sua personalidade: a prontidão em afrontar os inimigos; a relutância em acatar as decisões imperiais e a ousadia com que se dirige a Arcádio e Eudóxia. João chega, por vezes, a ultrapassar os limites do bom senso, mesmo se considerarmos que os bispos, no Império Romano, gozavam de *parrhesia*, ou seja, de liberdade de expressão, sem dúvida como apropriação de uma prerrogativa concedida outrora aos poetas e oradores (RAPP, 2000, p. 396). E, no entanto, João era tido em alta conta pela população de Constantinopla, que nutria por ele uma autêntica veneração, ocupando, em mais de uma ocasião, as ruas da cidade em sua defesa. Não obstante a baixa estatura e a voz frágil, que muitas vezes o obrigava a se deslocar para o meio da assembleia a fim de se fazer ouvir melhor, o carisma de João Crisóstomo era imenso, como os testemunhos antigos, mesmo aqueles que não lhe são abertamente favoráveis, nos permitem concluir (Soc. VI,5).⁵ João, é certo, era um mestre no manejo da arte oratória, a ponto de ter sido, certa vez, apontado por Libânio, o mais célebre retor grego do fim da Antiguidade, como o seu virtual sucessor na cátedra de retórica de Antioquia, não tivessem os cristãos “o roubado” (Soz. VIII, 2). Mas era também um líder profundamente comprometido com os encargos do seu ministério e as necessidades da sua congregação, uma per-

sonagem que possuía trânsito livre nos círculos aristocráticos, mas que, ao mesmo tempo, era bastante próximo do povo, que lotava a igreja por horas a fio para ouvi-lo pregar, irrompendo de quando em quando em vigorosos aplausos. Na condição de líder carismático, João possui coragem suficiente para assumir, na casa dos seus cinquenta anos, uma sé tão explosiva como a de Constantinopla, sem se intimidar diante dos desafios que encontra, mas intervindo diretamente no sentido de reverter uma situação que julgava inadmissível. E mais: para levar adiante uma tarefa já iniciada por Nectário, que era a de tornar o bispado da Capital um patriarcado tão forte quanto o de Roma, o que requeria um acentuado reforço da sua capacidade de intervenção nas demais sés do Oriente. Tal procedimento contrariava, naturalmente, os interesses de muitos membros da elite eclesiástica oriental, contribuindo para solapar ainda mais as bases de apoio a João (PIETRI; BROTTIER, 1995, p. 489-490).

Ao deflagrar a reforma da igreja de Constantinopla e ao pretender reforçar a autoridade do patriarcado, João angariou muitos e poderosos adversários e se indispôs não apenas com Arcádio, mas também com a imperatriz Eudóxia, uma das suas principais defensoras. De certo modo, podemos afirmar que a falta de tato e de habilidade política de João não apenas o impediu de lidar com a crise de modo satisfatório, mas contribuiu para agravá-la ainda mais. Nesse caso, o seu caráter franco, obstinado e – na opinião de Sócrates (VI,3), um historiador eclesiástico do século V – por vezes ingênuo cumpriu um importante papel, permitindo-nos avaliar o grau de interferência das idiossincrasias no desenrolar dos processos históricos. Tivesse João um temperamento mais conciliatório e uma habilidade maior para equacionar pontos de vista distintos, talvez o desfecho de sua biografia tivesse sido outro. No entanto, é fato, as pessoas são como são, com as suas potencialidades e limitações, e o movimento da História, por mais que evoquemos esses *frameworks* reificados que são as estruturas, depende, em última análise, de seres de carne e osso que pensam, agem, fazem escolhas, quer para o bem ou para o mal (LLOYD, 1995, p. 83). O erro ou o acerto de suas ações só o tempo será capaz de revelar. No que diz respeito a João Crisóstomo, o que nos suscita admiração são a força inquebrantável do seu zelo pastoral e o extraordinário carisma que possuía, elementos que lhe permitiram, de certa forma, ir além da crise da qual ele próprio foi um dos principais artífices.

Mesmo no exílio, João jamais deixou de manter contato com o seu clero e seus fiéis, orientando-os, aconselhando-os e, por vezes, admoestando-os,

como encontramos descrito em seu epistolário, gênero ao qual se dedicou nos últimos anos de vida, quando se viu impossibilitado de pregar, uma atividade que havia exercido por quase vinte anos. No final de novembro de 404, João escreve aos presbíteros Salústio (Ep. 203) e Teófilo (Ep. 212), repreendendo-os por negligenciar suas atividades pastorais, em especial a pregação regular e a assistência aos pobres, o que reputa como uma grave falta. Em dezembro do mesmo ano, ao tomar conhecimento de uma crise de víveres que fustigava os habitantes de Constantinopla, apressa-se em escrever duas cartas endereçadas a dois aristocratas, Valentino (Ep. 217) e Teodoro (Ep. 210), nas quais clama por socorro para as viúvas e os pobres, maltratados pela fome ingente. Em seguida, informado do falecimento do irmão do *Praefectus Urbi* Estúdio, envia a este uma carta de condolências, na qual demonstra todo o seu pesar pelo falecimento do ente querido, exortando-o a conservar a serenidade com as seguintes palavras: “Mostre o seu caráter nesse momento também, e seja tão gentil a ponto de nos mostrar que você obteve algum benefício daquilo que nós escrevemos, de maneira que nós também, que nos encontramos tão distantes, possamos nos orgulhar de termos sido capazes de aliviar muito do seu abatimento mediante uma simples carta” (Ep. 203,30-40). Pelo conteúdo do epistolário, percebemos que João se encontrava a par dos principais acontecimentos da Capital, o que lhe permitia, mesmo a quilômetros de distância, levar adiante suas atividades como administrador da congregação, líder do clero e conselheiro espiritual. Desse modo, João continuava a cumprir uma boa parte dos encargos regulares do episcopado, interferindo amiúde nos rumos de uma congregação pela qual se julgava ainda responsável.

Ao contrário do que poderiam imaginar as autoridades imperiais, o exílio não significou para João, ao menos a princípio, um bloqueio da sua capacidade de liderança. No seu primeiro ano de exílio, João foi enviado para Cucuso, uma aldeia inexpressiva da Armênia Segunda que vivia aterrorizada pelo assalto constante dos isaurianos, uma tribo hostil a Roma, que ocupava os flancos do Monte Tauro. Recém-instalado na região, João logo angariou prestígio e simpatia, socorrendo com palavras de conforto a população local, acometida por uma grave fome (Dial. 11). Mais que isso, com os recursos que lhe eram enviados pelos aristocratas de Constantinopla e de Antioquia, João amparou materialmente os habitantes do vilarejo, resgatando diversos reféns das mãos dos isaurianos (Soz. VIII, 27). Em Cucuso, recebe com frequência a visita de seus amigos e admiradores que, partindo da Síria

e da Ásia Menor, dispõem-se a empreender uma longa jornada para ter com ele. Os laços de solidariedade mantidos por João com os seus antigos correligionários, bem como o prestígio que goza junto à população local, não tardam a desagradar a corte, que o transfere, então, para Arabisso, uma fortaleza situada a cerca de oitenta quilômetros de Cucuso, na fronteira com a Isáuria, onde João passa o inverno (**Dial.** 11). Entretanto, ao que tudo leva a crer, a manobra visando a romper em definitivo os laços que o unem ao seu círculo de amigos fracassa, pois uma nova ordem imperial o desterra para Pítio, uma zona deserta no litoral do Ponto Euxino, distante mais de 1100 km de Constantinopla. A essa altura, a saúde de João já se apresenta bastante abalada pelos rigores do exílio. Paládio (**Dial.** 11), seu principal biógrafo, reporta-nos que, por ocasião da derradeira jornada rumo a Pítio, fora prometida aos dois soldados que o escoltavam uma promoção, caso o prisioneiro percesse no caminho. As chuvas torrenciais e o sol escaldante que João teve de enfrentar, obrigado por seus guardiões a um deslocamento incessante, surtiram o efeito desejado. Em 14 de setembro de 407, nas proximidades de Comana, João vem a falecer junto à tumba de Basilisco, um mártir local supliciado sob Maximiano, em 312.

A revanche da memória

À primeira vista, apenas a morte seria capaz de eliminar de uma vez por todas o desconforto proporcionado por um indivíduo de personalidade tão forte como era João. E, no entanto, essa é uma conclusão apenas em parte verdadeira. Se, de imediato, seu desaparecimento, ao desmobilizar a facção dos “joanitas” que militava ativamente por seu retorno, trouxe algum alívio para a corte, a força do seu carisma terminou por se sobrepor ao turbilhão de infortúnios do qual foi protagonista. Por volta de 416, pressionado pela população de Constantinopla, Ático concorda em inscrever o nome de João Crisóstomo nos dípticos, a lista oficial daqueles que são lembrados pela Igreja na liturgia. Os partidários de João, no entanto, não poderiam se contentar com uma concessão tão modesta a uma personagem tão ilustre, ainda mais se levarmos em consideração o fato de que, por vezes, os dípticos preservavam o nome de notórios cismáticos, cuja inclusão havia sido determinada por conveniências políticas. Era preciso trazer de volta, dos confins do Império, o corpo do bispo, a fim de que a população pudesse lhe prestar as honras devidas. Em 27 de janeiro de 438, as relíquias de João

Crisóstomo, trasladadas de Comana, chegam a Constantinopla. À espera do navio que as transportava, uma multidão, portando tochas, transformou o mar em terra ao se amontoar em pequenos barcos na embocadura do Bósforo para saudar o regresso daquele que tanto veneravam. No porto, as relíquias foram recepcionadas por Teodósio II, filho de Arcádio e Eudóxia, que, lamentando os ultrajes outrora perpetrados contra João por seus pais, recosta a cabeça sobre o esquife, num gesto de reverência e súplica (Theod. V,36). Em seguida, a multidão se dirige num cortejo solene ao mausoléu dos Santos Apóstolos, onde o esquife é depositado próximo aos túmulos de Arcádio e Eudóxia, aí permanecendo até 1204, quando os venezianos que integravam a Quarta Cruzada se apoderaram das relíquias e as levaram para a Basílica de São Pedro, em Roma (KELLY, 1998, p. 290).

Ao longo do tempo, numa espetacular inversão dos fatos que cercaram a sua tentativa fracassada de reformar a igreja de Constantinopla, a memória de João Crisóstomo tem sido celebrada como a de um notável pacificador da Igreja, a de um pregador inspirado capaz de contornar as crises e obter a reconciliação das partes em litígio, algo que, na realidade, nunca foi. Nesse caso, como em tantos outros, a memória, ao se cristalizar e adquirir uma chancela de verdade, é transmitida de geração a geração, sendo manipulada ao sabor dos interesses e conveniências de cada momento. Sob essa perspectiva é que devemos interpretar a decisão de João Paulo II de devolver, em 2004, parte das relíquias de João Crisóstomo ao patriarcado ecumênico de Constantinopla, num sinal de reaproximação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Do mesmo modo, é possível compreender o conteúdo da carta de Bento XVI escrita em 2007, por ocasião da celebração do 16º centenário de falecimento de João, na qual o Sumo Pontífice o evoca como um símbolo de união da Igreja, uma atitude, no mínimo, irônica. Irascível, intransigente e propenso à arenga e ao enfrentamento, como comprovam as centenas de inventivas que proferiu sob a forma de homilias, João foi muito mais um polemista do que um pacificador. O brilho do seu carisma, entretanto, revelou-se poderoso o suficiente para assegurar a sua heroificação nos séculos posteriores. Nesse sentido, embora privado da sua dignidade episcopal e submetido à humilhação do exílio, João, no fim das contas, terminou por triunfar sobre a crise que selou a sua ruína, passando a revestir uma glória equiparável à dos mártires, como Basiliscos, que numa visão, na véspera da morte do exilado, assim o consolava: “Tenha coragem, irmão, pois amanhã estaremos juntos” (**Dial.** 11).

A BISHOP BEYOND THE CRISIS: JOHN CHRYSOSTOM AND THE CONSTANTINOPLAN CHURCH'S REFORMATION

***Abstract:** In this article, our purpose is to shed some light on the political attitudes of John Chrysostom as leader of the Constantinopolitan congregation. In this connection, we intend to analyse how John Chrysostom, after being ordained bishop of the city in 398, launched an ambitious set of ecclesiastical reforms which eventually brought about a clash between him and the monastic and imperial circles. Our hypothesis is that the circumstances surrounding the local church and the election of the new bishop, being rather adverse, got worse owing to the intransigent behaviour displayed by John Chrysostom, culminating with his final deposition and following exile in 404.*

***Key-words:** Late Roman Empire; John Chrysostom; Constantinople; Conflict.*

Documentação escrita

JOHN CHRYSOSTOMUS. Letters from exile. *In:* MAYER, W.; ALLEN, P. **John Chrysostom**. London: Routledge, 2000, p.196-204.

PALLADIUS. **Dialogue on the life of St. John Chrysostom**. Translated by Johannes Quasten. Mahwah: Paulist Press, 1985.

SOCRATES. **The ecclesiastical history**. Translated by A. C. Zenos. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

SOZOMENUS. **The ecclesiastical history**. Translated by Chester D. Hartranft. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

THEODORET. **Church history**. Translated by Blomfield Jackson. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

Referências bibliográficas

BOBBIO, N. *et al.* **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992.

BOCK, F. *et al.* **L'échec en politique, objet d'Histoire**. Paris : L'Harmattan, 2008.

COHN, G. (Org.) **Weber**. São Paulo: Ática, 1986.

KELLY, J. N. D. **Golden Mouth**; the story of John Chrysostom – ascetic, preacher, bishop. London: Duckworth, 1995.

LIEBESCHUETZ, J. H. G. W. Friend and enemies of John Chrysostom. *In:*

- MOFFAT, A. (Ed.) **Maistor, Classic, Byzantine and Renaissance studies for Robert Browning**. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 1984, p. 85-111.
- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 225-49.
- LLOYD, C. **As estruturas da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MARAVAL, P. Constantinople, l'Illyricum et l'Asie Mineure. In: MAYEUR, J. et alli. **Histoire du Christianisme**. T. 2. Paris: Desclée, 1995, p.921-36.
- MAYER, W. John Chrysostom as bishop: the view from Antioch. **Journal of Ecclesiastical History**, Cambridge, v.55, n.3, p.455-66, 2004.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina**. V. II, T. I. São Paulo: Loyola, 2000.
- PIETRI, L. ; BROTTIER, L. Le prix de l'unité: Jean Chrysostome et le système "théodosien". In: MAYEUR, J. et al. **Histoire du Christianisme**. T. 2. Paris: Desclée, 1995, p.481-97.
- RAPP, C. The elite status of bishops in Late Antiquity in ecclesiastical, spiritual and social contexts. **Arethusa**, Los Angeles, n. 33, p.379-99, 2000.
- SANDWELL, I. Christian self-definition in the Fourth Century AD: John Chrysostom on Christianity, imperial rule and the city. In: SANDWELL, I.; HUSKINSON, J. **Culture and society in Later Roman Antioch**. Oxford: Oxbow Books, 2004, p.1-11; 35-58.
- WILKEN, R. L. **John Chrysostom and the Jews**. Eugene: University of California Press, 1983.

Notas

¹ As condições nas quais se deu a nomeação de João Crisóstomo são, no mínimo, pitorescas. Convocado secretamente a comparecer perante o *Comes Orienti* Astério no Portão Romanesiano, um dos portões de Antioquia, João foi escoltado em segredo até Constantinopla. De acordo com Paládio (*Dial.* 5), o estratagema visava a evitar a reação da população da cidade, por demais afeiçãoada ao presbítero. Na realidade, a convocação, da forma como se deu, teve igualmente o propósito de impedir qualquer tentativa de recusa por parte do indicado. De fato, segundo o testemunho de Sozomeno (VIII,2), ao chegar ao Portão Romanesiano, João foi obrigado a entrar na carruagem de Astério, que o conduziu até a estação militar de Pagras. Somente aí lhe foi dada ciência formal da sua nomeação.

² A carreira episcopal no fim do Mundo Antigo era bastante promissora. Em muitas cidades, a remuneração de um bispo era superior à de um médico ou à de um professor de retórica e, dependendo da sé, compatível com a de um governador de província. Nas grandes cidades, mesmo os presbíteros e diáconos eram bem pagos, o que os desencorajava a ser entronizados como bispos nas menores. Como a Igreja não dispunha, no século IV, de um sistema educacional próprio, aquele que desejasse seguir carreira como membro do clero deveria receber primeiramente uma formação clássica em retórica, passando, em seguida, à supervisão de um bispo, que o orientava durante um programa intensivo de estudos dos textos cristãos, incluindo o treinamento em exegese bíblica e a memorização de passagens inteiras das Escrituras (WILKEN, 1983, p. 7).

³ Na concepção de João Crisóstomo, a autoridade secular não seria, a princípio, oposta à divina, mas tampouco revestiria qualquer dignidade sobrenatural, sendo apenas um governo de homens para homens e, por isso mesmo, sensível à corrupção e à degenerescência, o que esvazia seu discurso de qualquer arroubo triunfalista, ao contrário de outros autores contemporâneos. Para ele, a lei cristã seria superior à lei ordinária, razão pela qual incentivava sua assembleia a comparecer perante os tribunais dos bispos e não dos governadores de província (SANDWELL, 2004, p. 38 e ss.).

⁴ Simplicio, o *praefectus Urbi*, havia decidido erigir uma estátua de Eudóxia, confeccionada em prata e posta sobre uma base de pórfiro, nas imediações da igreja de Santa Sofia, para desagrado de João Crisóstomo. Como era de costume, a cerimônia de dedicação da estátua foi acompanhada de jogos, danças e mimos. João, um crítico inclemente das festividades romanas, não perdeu a oportunidade de reprimir os participantes da homenagem. Do púlpito da sua igreja, passou a dirigir-se a Eudóxia nos seguintes termos: “De novo Herodias se exaspera. De novo ela dança. De novo ela se esforça para receber a cabeça de João em uma bacia” (Soz. VIII,20). Fazendo alusão a João Batista, seu homônimo evangélico, João Crisóstomo comparava Eudóxia a Herodias, uma das personagens mais infames do Novo Testamento, o que, inevitavelmente, desencadeou a ira de Arcádio.

⁵ Por carisma, entendemos os dotes revestidos pelos indivíduos sob a forma de faculdades mágicas, capacidade superior de iniciativa, brilho intelectual ou excelência oratória que os convertem em líderes inatos. De acordo com Weber (in COHN, 1986, p. 134 e ss.), as relações de poder fixadas nessas bases se enquadram como uma *dominação carismática*, da qual a relação profeta-apóstolo é um exemplo paradigmático. A princípio, o carisma, por depender de atributos inerentes à personalidade, seria revestido apenas em caráter puramente pessoal e extracotidiano, o que dificultaria a sua transmissão ao longo de uma cadeia de sucessores. No âmbito de algumas instituições, no entanto, é possível que essa transmissão seja feita por in-

termédio de um ritual de investidura ou sacração, como vemos na Igreja, quando o carisma (compreendido aqui como uma capacidade mística) é outorgado por ofício, o que representa uma associação entre o caráter pessoal e o caráter formal, rotineiro e institucional do carisma (DE SANDRE in BOBBIO, 1992, p. 150). Entretanto, é forçoso reconhecer que, mesmo em se tratando de um carisma por ofício, como é o caso do episcopado católico, há aqueles que emprestam ao carisma inerente ao cargo que ocupam o reforço dos seus atributos pessoais, como João Crisóstomo, cuja excelência oratória fez dele um bispo, poderíamos dizer, acima da média.